



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

19 | 2016

Ponto Urbe 19

Corpus Christi: a procissão como forma de ocupar a cidade

Asher Brum e Rafael Quintanilha



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3335>

DOI: 10.4000/pontourbe.3335

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Asher Brum e Rafael Quintanilha, « Corpus Christi: a procissão como forma de ocupar a cidade », *Ponto Urbe* [Online], 19 | 2016, posto online no dia 31 dezembro 2016, consultado o 19 abril 2019.

URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3335> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3335

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Corpus Christi: a procissão como forma de ocupar a cidade

Asher Brum e Rafael Quintanilha

- 1 Dia 26 de maio. Praça da Sé. A Arquidiocese de São Paulo, nesta quinta-feira, presidirá a tradicional missa de celebração do Corpus Christi. Sua localização no marco zero da cidade garante um relativo fácil acesso ao evento, principalmente aos católicos que residem nos bairros centrais da cidade. A estação de metrô Sé, cruzamento da linha azul com a linha vermelha do metrô, facilita o acesso daqueles que moram nos quatro pontos cardeais da cidade. Logo no metro, homens vestidos com batinas pretas saem em direção à praça, e, no sentido oposto, jovens em coro entoando “Marcha pra Jesus”, evento evangélico que acontece no mesmo dia.
- 2 A missa não começou, mas já há uma pequena aglomeração perto do palco externo à catedral. A praça não está cheia, e não ficará neste dia. O público parece estar dividido entre o clero da Igreja e leigos com faixa etária acima da média. Há poucos jovens entre os leigos, que em sua maioria são senhoras. Algumas delas distribuem terços de plástico, santinhos estampados com santos e com orações diversas e panfletos com cânticos e rezas. Alguns moradores de rua acompanham pela periferia da praça, um deles erguendo e baixando, alternadamente, uma garrafa d’água e gritando coisas aparentemente incompreensíveis é interpelado por uma senhora que lhe entrega dois reais.
- 3 Ao lado direito da praça há um carro de som estacionado, estampado com a bandeira do Brasil e com pessoas portando bandeiras brancas com os dizeres “Pastoral do Povo da Rua”. A Pastoral do Povo da Rua de São Paulo foi fundada por Dom Paulo Evaristo Arns, a partir da construção de uma casa de amparo aos moradores de rua, financiada pelo prêmio Nirvana da Paz que o cardeal recebeu. Ao lado deles, mais ao centro da praça, seminaristas vestindo batinas brancas. Eles são quase metade do público até esse momento.
- 4 Ao lado esquerdo da praça, ao som dos sinos da igreja, o clero em linha sai da lateral da catedral e avança para o local da celebração, acompanhado por alguns seguranças. A fila é encabeçada por seminaristas e padres em vestes alvas, seguida por protonotários

numerários cobrindo suas cabeças com seus barretes pretos com borla vermelha e os bispos com a mitra; e quase no final, o arcebispo Dom Odilo Pedro Scherer, portando o báculo que, na tradição da Igreja, simboliza sua autoridade e jurisdição sobre o território de São Paulo, seguido por alguns padres e por Dom Luiz Carlos Dias. Este será nomeado, nesta celebração, bispo auxiliar de São Paulo. O curto trajeto é interrompido por uma senhora que, com seu gato, se aproxima de Dom Odilo e pede que o animal de estimação seja benzido. O arcebispo acata ao pedido e a linha volta a andar cortando a pequena multidão e subindo ao palanque construído na frente externo à catedral.

- 5 A missa é iniciada. O tema desse ano é “Eucaristia – Eterna a sua Misericórdia”. No convite para a celebração da Arquidiocese de São Paulo, deste dia, há um pedido para que as pessoas tragam cobertores e agasalhos para doação, “como gesto concreto de misericórdia”. O público está um pouco maior, mas ainda sim majoritariamente formado por entidades ligadas à Igreja Católica e seu clero. Alguns presentes são a Renovação Carismática Católica, a Congregação dos humildes servos da Rainha do Amor e a Fraternidade o Caminho, além de monges franciscanos, com seus pés descalços e hábitos marrons e freiras cobrindo suas cabeças com limpel e véu branco ou azul.
- 6 Presidida por Dom Odilo Scherer, a missa se inicia. Durante o hino de louvor o público abana os braços estendidos e, em seguida, diz em coro “amém” junto com Dom Odilo na “benção do santíssimo sacramento”. O público ocupa metade da extensão da praça, o suficiente para permitir que ao fundo toquem músicas gospel cantadas, segundo o ambulante, “por um bom pastor de uma igreja evangélica independente”. A música, para aqueles que estão no fundo, compete com as falas de Dom Odilo. O arcebispo, durante a missa, se refere àquele evento como sendo uma “manifestação”, e diz “vamos às ruas” para demonstrar o “testemunho público de nossa fé”. Algumas bandeiras vermelhas estampadas com o Lábaro são hasteadas pela Juventude da Arquidiocese de São Paulo, indicando os pontos de comunhão e distribuição da eucaristia. Sombrieros brancos são abertos e eucaristia é distribuída. Ao final, o público que estava ajoelhado ou de cabeça baixa durante o momento de reza se prepara para o início da procissão ao som do canto da oração da eucaristia. A procissão saiu da Praça da Sé. À frente, após passar por entre as pessoas que se aglomeravam na praça, estava Dom Odilo Scherer. Segurava o ostensório à frente do corpo com as mãos cobertas pelo véu umeral dourado que usava por sobre a alva, vestes litúrgicas. Seis padres, envergando alvas por sobre a batina preta, seguravam as hastes que sustentavam o pálio branco - o manto que se posiciona sobre o ostensório e que caminha junto com ele. Segundo a doutrina da Igreja, esse manto serve para prestar reverência ao “Santíssimo Sacramento” presente no ostensório e para protegê-lo quando retirado de dentro da igreja. Logo à frente de Dom Odilo, um padre segurava uma haste com um crucifixo prateado na ponta e, logo a frente deste, outro padre segurava um estandarte vermelho com o símbolo diocesano. Enquanto Dom Odilo e seus auxiliares passavam pelo corredor de pessoas na praça, entoavam-se cânticos católicos puxados por um carro de som.
- 7 A procissão saiu da praça e desceu rumo ao Pátio do Colégio, a primeira parada da procissão. Ali, Dom Odilo exaltou a memória de São José de Anchieta, que, segundo ele, teria sido o responsável por formar, não somente religiosos, mas cidadãos. O Pátio do Colégio foi escolhido como primeira parada da procissão dada a sua importância para a cidade de São Paulo. Esse foi o lugar onde situava-se a primeira construção da cidade, onde os jesuítas fundaram um núcleo com o intuito de catequizar os indígenas na região conhecida como Planalto Paulista.

- 8 A procissão desceu pelo Largo Pátio do Colégio, caminhou ao longo da rua Boa Vista e chegou ao mosteiro de São Bento. Em frente à porta principal do mosteiro houve mais uma parada. Construído em estilo neorromânico entre 1910 e 1912. Anexo ao mosteiro estão a igreja de São Bento e a faculdade de São Bento. O mosteiro de São Bento ganhou projeção em 2007, quando o papa Bento XVI ficou hospedado ali durante sua visita ao Brasil.
 - 9 Em seguida, a procissão começou a se deslocar pelo viaduto Santa Ifigênia e fez sua última parada em frente à paróquia Nossa Senhora da Conceição de Santa Ifigênia. Durante a construção da catedral da Sé, entre 1930 e 1954, a igreja de Santa ifigênia tornou-se catedral. Em 1958, o papa Pio XII tornou-a basílica. É aqui que será encerrada a “bênção do santíssimo sacramento”, e Dom Odilo aproveita para exaltar que sua missão é a mensagem de paz, “valorizar os momentos de expressão da nossa fé, um momento público para que isso não desapareça”, que as obras sociais são necessárias e que as pessoas devem fazê-las e que era importante “valorizar os pobres, os que passam frio e fome”.
-

AUTORES

ASHER BRUM

Doutorando em Antropologia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pesquisador associado do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e do Núcleo de Estudos de política, esfera pública e religião (NUPRE/USP)

RAFAEL QUINTANILHA

Mestrando em Antropologia na Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador associado do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e do Núcleo de Estudos de política, esfera pública e religião (NUPRE/USP)